

Apoios:



Centro de Estudos Interculturais (CEI)

Gab. 333
Tel: +351 229 050 037
Fax: +351 229 025 899
E-mail: cei@iscap.ipp.pt



www.iscap.ipp.pt/~cei

COLÓQUIO

ENCERRAMENTO DO III CICLO DE CONFERÊNCIAS DO CENTRO DE ESTUDOS INTERCULTURAIS

PONTES INTERCULTURAIS: TRADUÇÃO E COOPERAÇÃO

TRADUÇÃO & DIREITO

www.iscap.ipp.pt/~cei

9 DE JULHO

14:30 - 16:00

SALA

LEITURA

INFORMAL

BIBLIOTECA

ISCAP

PROGRAMA



10.00 – 11.00
APRESENTAÇÃO DO NOVO WEBSITE DO CEI

11.00 – 12.30

Conferências:

14.30

“ Iconografia Contemporanea do Tradutor ou Interprete en Contexto Colonial ”

Anxo Ocampo

Facultade de Filoloxía e Tradución, Universidad de Vigo

15.00

“ Relações de Poder e (Para) Tradução ”

Xoán Manuel Garrido Vilariño

Facultade de Filoloxía e Tradución, Universidad de Vigo

15.30

“ A Cultura Cooperativa: Uma Análise Jurídica ”

Deolinda Aparício Meira

Centro de Estudos Interculturais

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico do Porto

16.00

Debate

Esta comunicação pretende reflectir sobre as principais notas caracterizadoras da «cultura cooperativa», tendo como principal referência o ordenamento português. O termo cultura será aqui entendido no sentido de «normas sociais, princípios e condutas comuns» que integram a organização cooperativa e que têm consagração legislativa.

A cooperativa possui um ADN assente numa racionalidade própria, em princípios, em características estruturais, em referências normativas e éticas resultantes da circunstância de o fenómeno cooperativo, desde sempre, ter combinado uma vertente fortemente social com uma vertente económica, traduzida esta na satisfação dos interesses económicos dos seus membros.

Assim, pretende-se analisar as normas do *Código Cooperativo Português* que acolhem as principais notas caracterizadoras da «cultura cooperativa», nomeadamente: o art. 2.º, n.º1, que consagra o *escopo mutualístico* da cooperativa; o art. 3.º que consagra os *Princípios da gestão democrática pelos membros, da adesão voluntária e livre, do interesse pela comunidade e da educação, formação e informação*; o art. 70.º, n.º 1 que estabelece a *Reserva para a educação e a formação cooperativas*; e o art. 79.º que acolhe o *Princípio da distribuição desinteressada*.

Toda esta análise assentará na ideia de que a cooperativa deverá ser considerada como um elemento regenerador para a superação destes tempos de crise que vamos vivendo, caracterizados por uma lógica empresarial desprovida de elementos éticos, assente numa relação fechada com a sociedade e indiferente aos problemas gerais da mesma. A cooperativa, em virtude da sua vocação cívica, do seu carácter democrático, das suas virtualidades participativas e da sua vertente solidária, afirmar-se, actualmente mais do que nunca, como impulsionadora da procura de um mundo diferente daquele em que temos vivido.

Anxo Ocampo
Facultade de Filoloxía e Tradución, Universidad de Vigo
" Iconografía Contemporánea do Intérprete en Contexto Colonial "

Entendo a tradución como a participación nun impulso cotián individual e colectivo de aceptación e transformación de todo tipo de materiais (non só textuais) presumiblemente alleos. Contrariamente ó impulso da repetición e da fundación da identidade, o impulso da tradución funciona como outros circuitos de transmisión e regulación como son a economía ou o parentesco, e tradúcese en series de operacións de tratamento do exótico. É importante entender que calquera membro da sociedade, aínda que non forme parte das clases letradas ou instruídas, é unha persoa potencialmente tradutora, responsable dunha parte dese fluxo.

Partindo desta noción sinxela, comentarei miradas que constrúen representacións iconográficas (esencialmente fotográficas) dos intérpretes "nativos" en contexto colonial. Por ser o sentido da "distancia", a vista é un mecanismo especialmente interesante para a tradutoloxía: chega con lembrar a función da imaxe en operacións de representación a gran escala, como os zocos humanos, para comprender a súa importancia técnica e metodolóxica na construción do alleo.

Para iso tiraremos exemplos da edición, circulación e consumo de postais en que se tipifica o intérprete colonial (1900-1930). Proporei igualmente exemplos da filmografía de Jean Rouch dos anos 1950-1960, da fotografía do suxeito colonial, e finalmente contraporei as políticas da representación do alleo propostas por dous museos actualmente activos: o Quai Branly e o Etnografiska Museet de Estocolmo.

Xoán Manuel Garrido Vilarinho
Facultade de Filoloxía e Tradución, Universidad de Vigo
" Relações de Poder e (Para) Tradução "

Nesta conferência pretendemos falar sobre os diferentes agentes que intervêem no proceso de tradución do *Outro*, partindo do presuposto de que a sociedade receptora de qualquer bem cultural incorpora um novo texto de acordo com as suas normas, crenças, valores e, obviamente, com a ideología dominante. É indiscutível que é a sociedade, que, antes de mais, é responsábel pela designação dos agentes mediadores, isto é, dos tradutores e paratradutores do texto e do paratexto :

- o/a tradutor/a, que realiza a operación tradutiva interlinguística e que é possível identificar na contracapa do libro e a quem são imputados quer os éxitos quer os fracassos da mediação;
- o/a paratradutor/a, isto é, normalmente, o editor, que detém o controlo ideolóxico e que determina a maneira como o bem cultural deve ser apresentado à sociedade receptora.

Ilustraremos a nossa exposição com vários textos e paratextos exemplificativos do peso da Paratradução no proceso de qualquer mediação.

Resumos
